

Fogliarini Brolesi

Sobre o término da regência de classe

Campinas – 2007

Fogliarini Brolesi

Sobre o término da regência de classe

Esta monografia tem como objetivo coligir parte de experiências em regência de sala de aula de matemática em 5ª série em escola municipal, do município de Campinas – S.P., onde foi feito um trabalho de observação anterior, sendo compilado na monografia “O material didático de matemática para a 5ª série”. O presente trabalho trata de como foi feita a docência no período do 2º semestre de 2007.

Orientador: professor doutor Dario Fiorentini

Campinas

2007

Para meus pais, Fernando e Mary,
para meus avós, Raphael (in memorian), Américo (in memorian),
Josepha (in memorian), Adélia,
para Suzana.

Para todos aqueles que labutam para fazer mais digna
a vida de milhares de pessoas, buscando
oferecer um ensino digno a eles.

Agradeço a todos aqueles que colaboraram para
este singelo material: professores, alunos
e amigos.

"Não há saber mais ou saber menos.

Há saberes diferentes." (Paulo Freire)

Resumo

Esta monografia é resultado de um estágio de regência em uma instituição de ensino público de Ensino Fundamental da cidade de Campinas – SP e trata do término da regência de sala de aula de matemática em 5ª série. O presente trabalho trás elementos para investigar a prática docente no que diz respeito a materiais e avaliações, e também dificuldades e desafios.

Palavras chaves: matemática, regência, escola municipal.

Sumário

Apresentação

O presente trabalho trata da atividade docente de matemática em sala de aula de 5ª série. Suas possibilidades, desafios, vitórias e frustrações ao longo das 12 aulas de regência. O trabalho desenvolvido baseou-se na continuidade das aulas ministradas pela docente efetiva da escola, mas com alguns detalhes que iam além do material didático oferecido pela instituição de ensino. Fez-se uso de material manipulativo (crivo de Eratóstenes) e seleção de problemas, além de uma avaliação e um questionário sobre o desempenho do aluno na posição de docente, com relato dos educandos e da educadora efetiva.

1. A sala de aula

A escola em que fiz estágio é municipal e fica no Jardim Nova Europa, em Campinas, interior de São Paulo. Ela fica ao lado de um bosque mantido pela prefeitura municipal de Campinas, e, talvez por este motivo a escola seja arborizada. A escola possui três quadras poli-esportivas, entretanto, nenhuma delas é coberta. Durante as aulas de educação física geralmente os alunos jogam juntos, em times mistos.

Próximo às quadras encontra-se a biblioteca, num prédio pequeno, úmido e com traças, dado que a biblioteca pega pouco sol por conta das árvores que a rodeiam.

As salas de aula da escola são amplas, cabendo cerca de 30 alunos de modo confortável, ou seja, com certo espaço entre as carteiras, que ficam dispostas como numa escola tradicional: diversas fileiras e com um certo número de carteiras em cada fileira. A sala de aula é também muito alta (cerca de 4,00 a 4,30 metros) e com ventiladores e lâmpadas.

Na 5ª série onde fiz meu estágio, ao fundo da sala existe um armário cinza, bem ao centro. À frente, apenas a lousa, um calendário no canto esquerdo e acima da lousa um alfabeto com as 26 letras do alfabeto latino escritas de forma cursiva e de forma bastão, as maiúsculas e as minúsculas. À frente também se encontra a mesa do educador, mais alta, maior; bem diferente da dos educandos.

Vendo-se a sala pela perspectiva do educando, do lado esquerdo inteiro existem grandes janelas que dão para o pátio de entrada da escola. Estas janelas, entretanto, são todas gradeadas. Assim não há como ninguém entrar e ninguém sair pela janela.

Ainda falando da 5ª série em que lecionei, ela é composta por 30 meninos e meninas. Na metade do ano letivo um aluno saiu da sala de aula. A professora contou-me que ele havia sido abandonado pelos pais e que vivia nas ruas, pedindo dinheiro e trabalhando nos semáforos, ainda que no ano passado, ele tivesse ganhado todos os materiais, ele não deu

muito valor ao que recebeu. A sala é tranqüila, mas exige pulso firme do professor em suas ações, caso contrário torna-se uma bagunça.

Com relação aos alunos, a professora afirmou que a sala é um tanto deficiente no que diz respeito apreensão de conteúdo em relação às outras 5^{as} séries. De fato, quando da aplicação da prova ou da abordagem de conteúdo, notei sim uma certa dificuldade de os alunos compreenderem o que era dito, ainda que eu o dissesse da maneira mais fácil possível.

Ao conversar com outros professores e com a diretora da escola, quando dizia que era estagiário de matemática, o elogio à professora que estava me supervisionando era bem explícito: “Ela é uma ótima professora” afirmavam. Também falavam isso com relação à escola: “Esta escola não é parâmetro” disse a diretora e o professor de Português da 5^a série durante uma refeição na cantina da escola no semestre passado, afirmando que a escola era melhor que a grande maioria das escolas municipais de Campinas.

Fica claro aqui que a escola se preocupa com o desenvolvimento do aluno, no que diz respeito à formação enquanto educando, nas disciplinas em que ela se propõe a oferecer.

A professora de matemática se propõe a ser construtivista, embora, por força das circunstâncias, seja tradicional em alguns aspectos. Esse fato ficou evidente nas aulas em que lecionei. Em alguns casos mostrou-se que parte dos alunos não arriscavam a dar suas opiniões, seja por medo, seja por vergonha de errar. Isso “engessava” o caminhar da aula de tal modo que era preciso caminhar de modo que eles se tornavam espectadores da aula e não agentes participantes.

A professora afirmou que os pais dos alunos são tradicionais também, e que vão às reuniões, e se os alunos têm pouca lição, eles reclamam e querem saber o porquê de poucos exercícios, além de, segundo a professora, contarem detalhes da vida deles e dos alunos que a professora não gosta, visto que, na perspectiva dela, a função dela é se preocupar com o desenvolvimento

matemático do aluno, deixando a cargo de profissionais o desenvolvimento emocional. Ela disse certa vez que acreditava ser necessário um assistente social para trabalhar com as crianças e as famílias.

Eu sou de uma opinião próxima à dela. Cabe ao profissional intitulado professor de matemática, preocupar-se com o desenvolvimento cognitivo do aluno na questão matemática, formando-o, não para resolver problemas matemáticos apenas no papel, mas também no cotidiano, na sua prática social. Não tenho pretensões de auxiliar o aluno no que diz respeito a crises familiares, problemas psicológicos, falta de afeto e outros, pois não tenho suporte metodológico e psicológico para tal. Acaso fizesse isso poderia estar colocando em risco o desenvolvimento integral do aluno.

A professora já tem certa idade, mas ela contou-me que trabalhou com EJAs¹, aulas de 1ª a 4ª séries, e atualmente, junto com seu trabalho em escola pública, dá aulas no ensino médio em uma rede de escolas particular. Ela pediu afastamento da rede estadual e está pensando em pedir demissão de lá, pois afirmou que, além de o estado pagar pouco, o desgaste físico e emocional que ela tem nas aulas está levando-a a decidir por não trabalhar mais lá.

Além da professora de matemática, vez em quando, durante as aulas, a professora de educação especial aparecia e trocava algumas palavras com a professora de matemática ou com um ou outro aluno. Soube dela que, além de dar aulas de reforço para estudantes com necessidade especiais, ela auxiliava no reforço de alunos que tinham dificuldades em alguma matéria.

A professora de matemática também dá aulas de reforço, ao final de sua jornada de sexta-feira. A partir das 15h00 as ela dá aulas de reforço para 5ªs e 6ªs séries, para alunos com dificuldades de aprendizado.

Em algumas aulas que lecionei e que observei neste semestre, a professora abonou o dia,

¹ Educação de Jovens e Adultos

deixando a cargo do professor substituto a sala de aula. Este é um professor que fica na escola acaso algum professor falte. Assim, ele ministra aulas de matemática, português, geografia, e outras as que for solicitado.

Ele é conhecido dos alunos, mas ficou claro, nas aula que presenciei, que os alunos o tratam diferente do que trata a professora.

Por diversas vezes ele reclamou da sala de aula era muito barulhenta e que não o respeitavam. De fato, isso foi constatado. Mas a atitude tomada pelos alunos frente ao professor substituto era diferente da atitude tomada diante da professora. Aparentemente eles tinham mais respeito por ela do que por ele. Não consegui identificar o motivo pelo qual isso ocorria, mas acredito que tenha sido o contrato didático formalizado pelo professor com a sala.

Quando chegou minha vez de lecionar, deixei claro para eles como gostaria de fazer e pedi que eles colaborassem comigo, pois, assim como eles estavam lá para aprender, assim também eu estava lá para aprender, embora fossem aprendizagens diferentes.

E isso de fato surtiu efeito: quando da minha regência, os alunos comportaram-se de modo semelhante ao comportamento diante da professora, sem muito alvoroço e com mais respeito.

2. Planejamento de atividades

No primeiro semestre de 2007 conversei com a professora responsável por mim durante todo o estágio de observação e regência e ela mostrou-se interessada em atividades investigativas com computador e geometria. Propus então que, no 2º semestre de 2007, quando eu fizesse a regência, que utilizássemos a sala de computadores para atividades com o software KIG², um programa de código aberto muito similar ao Cabri Geometre³.

Para ter um aproveitamento maior, e saber como a classe da 5ª série em ministrei aulas gostaria de trabalhar a parte de computação, decidi colocar algumas perguntas no questionário final do primeiro semestre a respeito do que eles achavam do uso de computador em sala de aula. Boa parte das resposta foi receptiva ao uso de computadores, mas a maioria dessas resposta dizia que gostaria de “jogar” no computador (alguns inclusive mencionaram jogos matemáticos).

Entretanto, não pude atuar na frente computacional dado que era nítido que isso afetaria o andamento dos conteúdos a serem estudados pelos alunos, uma vez que o sistema operacional Linux não me é de todo familiar, necessitaria de tempo para buscar aplicativos significativos para o uso com os alunos no que diz respeito aos conteúdos estudados em sala de aula, o que para mim seria assaz complicado dado que tenho o estágio remunerado que exerço durante a semana.

Optei, junto com a professora, por darmos continuidade aos assuntos básicos a serem abordados e a ordem foi a seguinte:

1. Divisibilidade
2. Crivo de Eratóstenes e números primos
3. Fatoração

² KDE Interactive Geometry, <http://edu.kde.org/kig/>

³ <http://www.cabri.com/>

4. MDC e o algoritmo de Euclides

5. Problemas

6. Avaliação

Destas aulas, apenas a aula de problemas foi “separada” do conteúdo normal que a sala estava aprendendo, dado que junto com a professora, resolvemos colocar um problema na avaliação, e pelo fato de os alunos não terem visto problemas optou-se por mostrá-los uma aula antes da avaliação.

A conversa sobre o assunto a ser tratado em sala de aula era feita na aula da semana anterior, ou seja, havia o espaço de uma semana para o preparo das aulas. Isso foi decisivo para confeccionar o material a ser trabalhado ou o conteúdo a ser explorado na aula seguinte.

Os materiais confeccionados foram:

1. Crivo de Eratóstenes
2. Folha de problemas contendo 5 problemas
3. Folha de avaliação contendo 5 questões sendo 1 problema

Todo este material encontra-se no **Anexo I**.

Nº de aulas	Objetivos	Conteúdos	Procedimentos Metodológicos	Materiais	Avaliação
2 aulas	Mostrar critérios de divisibilidade por 3, 4, 6, 8 e 9	Critérios de divisibilidade e	Discussão e debate sobre como descobrir por qual número o número dado é divisível	Exercícios do livro didático adotado e de outros livros	No debate e ao longo da correção de exercícios
2 aulas	Familiarizar os alunos com números primos através do crivo de Eratóstenes	Crivo de Eratóstenes, números primos de 1 a 100	Discussão, debate e exibição de múltiplos, divisores, crivo de Eratóstenes	Um papel quadriculado com o crivo de Eratóstenes, lápis de cor	Ao longo da aula, e ao final com o Crivo de Eratóstenes completo
2 aulas	Mostrar como se dá o processo de fatoração em números primos	Fatoração de números compostos	Discussão e debate sobre como fatorar números compostos	Exercícios do livro didático adotado e de	No debate e ao longo da correção de exercícios

	qualquer número inteiro			outros livros	
2 aulas	MDC e algoritmo de Euclides	Algoritmo de Euclides para descoberta do MDC entre dois números	Discussão e debate sobre algoritmo de Euclides e como se dá a descoberta do MDC de dois números	Exercícios do livro didático adotado e de outros livros	No debate e ao longo da correção de exercícios
2 aulas	Apresentar à sala uma coleção de problemas para familiarização dos alunos	Problemas simples envolvendo MDC, MMC e outros	Discussão debate, tempo para resolução e resposta dos problemas, enfatizando a multiplicidade de caminhos de resolução	Uma folha contendo 5 problemas de MMC, MDC e outros	Ao longo do debate a respeito de como atacar os problemas
2 aulas	Avaliação de fim de curso	Conjunto de 5 exercícios para verificação do conteúdo apreendido pelos alunos	Exibição de coleção de exercícios de conteúdos abordados em sala de aula, sendo 1 problema	Uma folha de avaliação contendo 5 questões	Correção, por parte do estagiário, do material colhido

3. Relatos e comentários

Certamente o período de regência foi essencial para minha formação como professor. De certo que o aprendizado não se deu somente na regência mas também se dará ao longo da minha história de educador na medida em que reconheço que cada sala de aula tem uma particularidade que a torna única, e, sendo única, deve ser dada atenção de modo diferente das outras. Além disso, o convívio com educandos de idades, classes sociais, opções e ideologias diferentes dá mais sabor à experiência profissional de educador.

As disciplinas da Faculdade de Educação certamente me deram algum suporte para o desenvolvimento do trabalho dentro de sala de aula, mas formaram somente as bases teóricas para tal atividade.

No convívio com a sala de aula recordamos algumas coisas, aprendemos outras com quem está há mais tempo na profissão e assim as experiências se misturam, assim como a teoria e a prática se unem para que o profissional seja o mais dinâmico possível.

Os diários confeccionados encontram-se no **Anexo II**, Lá exibo os comentários que acredito que expressam como era o cotidiano da sala de aula da 5ª série na qual ministrei 12 aulas, num período de 6 semanas (as aulas eram duplas).

Certamente muito mais do que o relatado aconteceu em sala de aula, mas infelizmente não foi relatado pelo fato de o diário ser composto após a aula e por isso aspectos que foram julgados menos importantes ou mesmo esquecidos foram suprimidos.

O ambiente de sala de aula é deveras complexo para ser colocado totalmente em poucas folhas de papel. A dinâmica de sala é um emaranhado de idéias, atos e atitudes que englobam educador e educandos, sob a supervisão do professor responsável, para que o intuito final – que é de ensino-aprendizagem dos educandos e do professor regente, – se dê por completo.

É fato que os diários são instrumento essencial para o profissional avaliar/reavaliar sua prática

e objeto de estudo no que compreende o ambiente de sala de aula.

Além disso, quanto maior a riqueza das descrições, melhor vai ser para o processo de estudo e avaliação da prática.

Certamente muita coisa ficou de fora, e o que está retratado nos diários nada mais é do que um retrato pintado com cores pálidas do que era a escola, a sala de aula, sua dinâmica e seus sujeitos.

4. Análise das atividades de regência

A atividade de regência foi sem dúvida uma experiência muito boa. Por um curto período consegui aprender muito sobre como lidar com educandos dentro e fora da sala de aula, como me fazer entender pelos alunos e como agir em ocasiões específicas e muitas outras coisas que não caberiam numa monografia. Entretanto acredito que o papel da disciplina de estágio supervisionando foi cumprido. Ao longo das aulas na UNICAMP e das aulas na escola municipal, consegui unir a teoria que guardei durante os 5 anos de UNICAMP e a prática – embora num tempo pequeno –, enchendo de sentido os meus anos de estudo na universidade. Acredito que ministrar aulas não é tarefa simples, e supõe muitas coisas por trás dela, como formação do educador, capacidade de lidar com a adversidade, motivação e outros. Não basta apenas ter um diploma. É preciso muito mais. É preciso ter coragem de encarar a profissão e fazer o melhor possível para que os educandos possam apreender o conteúdo das aulas.

É preciso também ser dinâmico, perceber que cada sala é única e que é preciso fazer o possível para responder aos anseios dos educandos.

Um questionário foi entregue aos alunos pela professora, num dia em que eu estive ausente, exatamente para minha presença não influenciar as respostas.

Ao analisar o questionário entregue aos alunos a respeito de minha presença em sala de aula, a maioria gostou de minha atuação como profissional da educação. As respostas, no entanto, tiveram um tom um tanto emocional por parte dos alunos.

Cabe aqui dizer que acredito que é extremamente delicado o relacionamento mais emocional com o aluno. Em momento algum demonstrei qualquer interesse na vida pessoal dos alunos.

Acredito que como profissional da área de educação matemática devo fazer um esforço no sentido de cativar o aluno para que ele se interesse pelo assunto matemática, tão somente.

Creio que consegui fazer isso. Com ética profissional e respeito aos outros acredito ser

possível cativar os outros. E foi exatamente isso que fiz. Busquei o interesse deles mostrando que a matemática é uma ferramenta para o dia-a-dia e para toda a vida. Existem assuntos que são mais ou menos utilizados, mas o conjunto, como um todo, gera uma gama enorme de ferramentas para serem utilizadas na prática social dos alunos.

No geral acredito que o meu objetivo foi cumprido: consegui apreender mais ferramentas para utilizar na prática de educador.

Aprender e ensinar são atividades que não são desvinculadas. Dessa forma, não só ensinei, mas principalmente, aprendi a ensinar, e pude desta forma ampliar o meu ferramental para utilizar numa futura regência de sala como educador.

5 Conclusão

Acredito que o trabalho desenvolvido ao longo do estagiário supervisionando II – regência foi deveras produtivo na medida em que, após adquirir bagagem teórica e depois de um tempo conhecendo a sala de aula no estágio de observação, pude aplicar um pouco do que vi e presenciei nas aulas de matemática e de disciplinas educacionais as quais frequentei ao longo de 5 anos na UNICAMP.

Certamente que muito mais poderia ter sido feito caso houvesse mais tempo para ser estudado, aplicado e ter análise dos pontos positivos e negativos. Mas no geral o trabalho desenvolvido foi bom.

A avaliação da turma foi regular, mostrando que em pouco tempo consegui ao menos passar o conhecimento essencial aos alunos, além de ter mostrado para eles problemas matemáticos, e frisando que um problema tem várias formas de resolver mas a resposta é sempre única, dependendo da situação.

Enfim, o fechamento deste trabalho, fecha um ciclo educacional na minha carreira acadêmica. O que fica destas experiências vividas é que o profissional da educação não pode deixar nunca de se atualizar, na medida em que vê que a sala de aula não é um ambiente estático, mas dinâmico, com agentes modificadores da história e que precisam de uma educação voltada à prática social e ao conhecimento, para que tornem-se cidadãos plenos.

Anexos

Anexo I

Material utilizado

Anexo II

Diários